

# O QUADRO COMPLEMENTAR DE OFICIAIS DA MARINHA DO BRASIL E OS 40 ANOS DA TURMA DE 1972

*“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”*

(Fernando Pessoa)

ELSON DE AZEVEDO **BURITY\***  
Capitão de Mar e Guerra (RM1/T)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
A chegada na Escola Naval e o aprendizado  
A formatura tão esperada  
Conclusão

## INTRODUÇÃO

No ano de 1969 a Marinha do Brasil criou o Quadro Complementar de Oficiais e em 1971 passou a recrutar universitários que constituiriam a primeira turma, a nossa, cujo curso iniciou-se na Escola Naval em 26 de março de 1972. Lembro-me bem quando eu cursava engenharia e minha faculdade foi procurada por alguns militares da Marinha do Brasil. A pequena comitiva era formada pelo Almi-

rante Ramon Gomes Leite Labarthe, então diretor do Pessoal Militar da Marinha; seu assistente, o Capitão de Corveta Barata; e o Capitão-Tenente Pinto. A palestra proferida versava basicamente sobre a Marinha, a criação dos Quadros Complementares de Oficiais e a forma de ingresso.

Por mais estranha que pudesse parecer aquela visita, haja vista os fortes movimentos estudantis da época, insuflados por ideologias antimilitaristas, aqueles oficiais foram muito bem recebidos, embora com

---

\* N.R.: Foi delegado de Tabatinga e capitão dos Portos do Maranhão, atualmente desempenha atividade no Tribunal Marítimo.

certa desconfiança de nossa parte. Na verdade, a visita aconteceu também nas faculdades de outras cidades, pelos demais estados brasileiros, não se tendo notícia de qualquer manifestação contrária à, até então, inovadora iniciativa numa Força Armada brasileira.

Por ter laços familiares com a Marinha do Brasil (MB), confesso que nada estranhei, mas em relação a alguns colegas a situação era diferente.

## A CHEGADA NA ESCOLA NAVAL E O APRENDIZADO

Uma vez selecionados nacionalmente, e já no curso preparatório na Escola Naval, começamos a desenvolver o sentimento marinho ao estudar navegação estimada, navegação astronômica, marinharía, armamento, máquinas e tantas outras disciplinas indispensáveis ao dia a dia dos oficiais em nossas belonaves e estabelecimentos.

Naquele momento havia muitas dúvidas de nossa parte e da própria Marinha, dado o pioneirismo da medida; afinal, constituíamos a primeira turma do Quadro Complementar, devidamente regulamentada e distribuída pelos Corpos da Armada, de Intendentes, de Fuzileiros Navais e de Engenheiros Navais, embora já existissem, em número reduzido, oficiais do Quadro Complementar em serviço ativo, porém esses eram oriundos da Escola de Formação de Oficiais da Reserva da Marinha (Eform) e do extinto Centro de Instrução de Oficiais da Reserva da Marinha (Ciorm).

Para exemplificar nosso estado de espírito de então, quando tudo era novidade, um de nossos colegas, em palestra proferida no ginásio da Escola Naval por seu diretor, o Almirante Rubens Mattos, não se conteve e perguntou: Como os oficiais de carreira nos receberão a bordo, uma vez declarados segundos-tenentes? A pergunta exprimia não

só a nossa grande curiosidade, mas, até certo ponto, trazia à baila o temor do desconhecido que insistia em tomar lugar em nossas mentes.

Após alguns meses cumprindo nossa grade curricular na Escola Naval e no Centro de Instrução do Corpo de Fuzileiros Navais, onde realizamos treinamento com armamento portátil, eis que chegou o momento da realização do estágio embarcado. E, assim, nós do Corpo da Armada e do de Intendentes fomos distribuídos pelos diversos navios da Esquadra, durante a Operação Unitas XIII, da qual faziam parte os contratorpedeiros *Pará*, *Paraná*, *Piauí* e *Santa Catarina*; o Navio-Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais*; e o Cruzador *Tamandaré*. Tive o privilégio de embarcar no Contratorpedeiro *Santa Catarina* (D 32), que era comandado pelo então Capitão de Fragata Edson Ferraciú e tendo como imediato o saudoso Capitão de Corveta Nascimento. Aproveito para fazer uma rápida remissão àquele passado e não poderia deixar de lembrar de alguns dos oficiais da época, como os Capitães-Tenentes Arthur Orlando, Ralf, Barcala e Devezza e os Tenentes Bruno, Ronaldo, Ravaneli, Prado Maia, Mourão, Garcia e Laus (este falecido). Naquele mesmo navio também estavam embarcados outros colegas de turma, os Guardas-Marinha (QC) Alencar e João Luís. Na realidade, pudemos constatar nos navios um excelente clima de camaradagem e a oficialidade empenhada para que tivéssemos uma adequada formação.

Nos demais navios, salvo alguns erros ou omissões, os guardas-marinha foram assim distribuídos:

– CT *Pernambuco* (D 30): Mário César, Nohl e Pontes;

– CT *Pará* (D 27): Ferreira, Sá e Peranzetta;

– CT *Paraná* (D 29): Alves, Rudajá e Lordelo;

– CT *Piauí* (D 31): Maia Neto, César e Luís Carlos;

– NAE L *Minas Gerais* (A11): Mário, Sauma, Rafael, Brasileiro, Baena, Aguiar, Ivar, Schlindwein e Maciel; e

– C *Tamandaré* (C12): Carlindo, Amaro, Gagliardi, Plaisant, Nascimento, Cervelline, Serra Pinto, Wanderlei Alves, Wesley, Pescadinha, Furlanetto, Edgard, Júlio, Castro, Alcântara, Knak e os já falecidos Gualberto, Valente e Melo.

Já os GM (QC) do Corpo de Fuzileiros Navais tiveram a oportunidade de cumprir o período de estágio em três batalhões:

– Batalhão Humaitá – Cunha, Dotto, Prado, Falavigna, Marques Peixoto, Almeida, Vieira, Varoni, Bulhões, Barreto (falecido), Martins e Aldson;

– Batalhão Paissandu – Elias, Mauro, Marques (falecido), Silvino Calgaro, Jorge Lauro, Vilela, Monteiro e Valdemir; e

– Batalhão Riachuelo – Bueno, Zamir, Degani, Luís Carlos, Nelson (falecido), Ricardo Gonçalves, Valdo Gomes, Nilton Hipólito, Edgardo Rodrigues e Roberto.

Como era de se esperar, durante aquele período embarcado algumas passagens hilariantes foram dignas de registro. Um colega nosso, embarcado no NAE L *Minas Gerais*, resolveu não mais continuar o estágio embarcado, comunicou o fato a bordo e, trajando o seu terno, tentou desembarcar. Foi quando percebeu que o navio já havia desatracado, o que, obviamente, impediu sua saída. Mais tarde, ainda durante aquela viagem, reconsiderou sua decisão intempestiva e conseguiu seguir a carreira.

Outra passagem: estavam os GM (QC-FN) realizando um exercício de ataque a uma elevação, nas proximidades do Batalhão Paissandu, quando na hora do almoço foi servida a ração R2, acompanhada de um pequeno fogareiro e álcool gelatinoso. Eis que um outro colega, ao acender o fogareiro, conseguiu atear fogo numa porção de mato seco das cercanias. Desta forma, a hora do almoço transformou-se num

exercício de combate a incêndio, pois todos tiveram que debelar as chamas no matagal, que ameaçavam se alastrar. A partir dali, carinhosamente, o nosso colega ficou conhecido como “o incendiário”.

Já um terceiro colega, embarcado no CT *Paraná*, andava meio saudoso de casa quando um determinado oficial perguntou se ele não gostaria de telefonar para sua residência. Prontamente, sua resposta foi positiva e tudo ficou de ser solucionado quando estivessem de serviço no Centro de Informações de Combate (CIC), no período do quarto-d’alva. Durante aquele serviço, falaram ao guarda-marinha que a fonia estava pronta para o contato com sua família, quando ele iniciou: “Alô, mamãe!” Do outro lado, ali mesmo a bordo, alguém respondeu: “Vá trabalhar, que a mamãe está em sua casa dormindo!”

## A FORMATURA TÃO ESPERADA

Finalmente, chegou o grande e tão esperado momento, o dia da formatura, com o recebimento da espada e a troca das platinas. Com os familiares presentes, lá estávamos, na famosa Ilha de Villegagnon, branco impecável (o famoso uniforme conhecido como “pirulito”), formados no campo de atletismo da Escola Naval: 30 segundos-tenentes do QC-CA, 30 segundos-tenentes do QC-FN e 29 segundos-tenentes do QC-IM. Nossas expectativas e responsabilidades eram enormes, considerando que já tínhamos nossas especialidades civis de economia, administração, engenharia, arquitetura, direito e outras, e teríamos, doravante, de demonstrar para a Marinha, e para nós mesmos, o quanto seríamos capazes de empreender e aplicar os conhecimentos auferidos.

Com o tempo, novas perspectivas foram se abrindo, e aqueles oficiais, a exemplo dos demais da Marinha, puderam se matricular



Segundos-Tenentes (QC) Castro, Varoni, Burity, Mário César, Maia, Sauma e Baena, logo após o recebimento das respectivas espadas



Segundos-tenentes (QC) desfilando para autoridades e convidados

em diversos cursos de Aperfeiçoamento, Especialização, Básico da Escola de Guerra Naval, Superior de Guerra Naval e outros, melhorando, dessa maneira, sua qualificação profissional. A integração no meio se fez de forma gradual, e a experiência se constituiu em fator relevante para os serviços navais. A carreira que terminava, inicialmente, no posto de capitão de fragata, alguns anos após passou a findar no de capitão de mar e guerra.

O pioneirismo da criação do Quadro Complementar alicerçou, mais tarde, outra iniciativa inovadora, dessa feita o ingresso da mulher na Marinha do Brasil, quando, em 1980, por decisão do então ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, foi criado o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva da Marinha (CAFRM), que possibilitou, inclusive, a recente promoção de uma contra-almirante médica. Mais tarde, em 1997, também por decisão do então ministro da Marinha, o Almirante de Esquadra Mauro Cesar Rodrigues Pereira, foi criado o Quadro Técnico (QT), o que permitiu a assunção a cargos de direção, tendo eu a grata satisfação de exercer o de capitão dos portos do Maranhão.

#### 📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PESSOAL>; Quadro Complementar; História da Marinha do Brasil;

Tudo isto veio coroar, com êxito, o sonho daqueles jovens universitários que, um dia, atenderam ao chamado da Marinha e ingressaram no Quadro Complementar de Oficiais, experiência pioneira que muito tem contribuído para a melhoria e o aperfeiçoamento de nossa gloriosa Marinha do Brasil.

## CONCLUSÃO

Hoje todos aqueles jovens tenentes fazem parte de um grande contingente de oficiais da reserva e reformados, outros deixaram o serviço ativo por motivos particulares, antes do tempo previsto, e alguns, infelizmente, faleceram. Mas nem por isso deixamos de louvar nossas origens e agradecer aos nossos superiores hierárquicos pela constante contribuição na formação e na sedimentação dos princípios sólidos que recebemos.

Após 40 anos da declaração a segundos-tenentes, sem qualquer modéstia, todos nos sentimos orgulhosos de ter servido à Marinha e de ter convivido em excelente meio, que alia tradição, patriotismo, profissionalismo e elevação de propósitos. Viva a Marinha do Brasil! Ad Sumus!